

# CADERNOS AA

## ARTE E ANTROPOLOGIA? PARA UMA ESPÉCIE DE INTRODUÇÃO...

Este é o primeiro número da revista *Cadernos de Arte e Antropologia*. Como membros fundadores deste projecto editorial cabe-nos fazer uma breve apresentação dos objectivos e da filosofia que subjazem a esta publicação. O título, desde logo, desvenda a área de interesse da revista. Esta é uma publicação que pretende dar conta de pesquisas, iniciativas, produtos científicos e culturais, que busquem uma mais frutífera articulação entre a Arte e a Antropologia. Logo, esta é uma publicação que embora se assuma como de natureza académica e científica, visa estabelecer um amplo campo de reflexão e debate transfronteiriço, de índole inter e transdisciplinar. Esta não é, por isso, uma revista exclusivamente de, e para antropólogos, embora reconhecamos a predominância que a Antropologia em particular, e as ciências sociais no seu conjunto, assumem na formação do seu corpo editorial e na forma como a publicação foi pensada.

Grande parte dos projetos editoriais surgem da constatação de um vazio que é sentido por determinados membros de uma comunidade científica. Não escapamos a esta regra. Procuramos, através desta revista, estabelecer novas vias de questionamento, reflexão e produção de conteúdos, que problematizem esta relação tão complexa quanto ambígua entre arte e ciência, entre os domínios da estética e da epistemologia. Como entendemos nós esta questão? Algumas linhas de reflexão podem servir de mote para o caminho que se pretende percorrer no futuro.

A arte, entendida de forma genérica como o património estético, material e imaterial, de uma comunidade sempre foi alvo da curiosidade dos antropólogos. Independentemente da função simbólica atribuída aos múltiplos artefactos produzidos em sociedade, o que é facto é que encontramos, numa série deles, a linguagem estética como central para o diálogo cultural. Através de sons e imagens o homem vai atribuindo sentido àquilo que o rodeia. Independentemente dos juízos de valor estético que façamos acerca dos objectos culturais, que em última instância definem aquilo que é ou não é *Arte*, há que reconhecer que esta vitalidade criativa é um elemento de crucial importância para a comunicação em sociedade. Certas áreas especializadas do pensamento antropológico merecem especial destaque pela forma como abordam estas questões. A antropologia da arte, por um lado, define, precisamente, como objecto de pesquisa privilegiado os artefactos estéticos e simbólicos produzidos no seio de uma sociedade. A antropologia visual, por seu turno, tem uma longa história de uso dos meios visuais - da fotografia e do cinema - tradicionalmente concebidas como linguagens estetizadas, para estudar, descrever, reflectir

sobre certos fenómenos sociais e culturais. Mais recentemente, num reequacionamento do seu papel científico (Banks e Morphy, 1997), a antropologia visual consolidou novos caminhos de pesquisa não mais assentes, quase em exclusivo, na aplicação de media (e metodologias) visuais, mas antes vocacionados para abrigar temáticas tão abrangentes como a visualidade, os sistemas visuais e as múltiplas criações (audio)visuais (estudos sobre cartoons, comics, cinema, fotografia de família, vídeo amador, pintura, etc...). Esta viragem recente abre caminho para o estudo da arte enquanto fenómeno do quotidiano, enquanto resultado de processos expressivos, individuais e colectivos, através dos quais definimos emoções, gostos e redes de partilha social. Se este é, de uma forma genérica, um campo de estudo que tem por objecto aquilo que podemos entender por arte, resta-nos, também, pensar de que forma a própria dimensão estética afecta (ou pode afectar) o exercício da actividade de investigação científica. Aqui encontramos uma segunda linha de inquirição. A antropologia visual, consensualmente reconhecida como uma área periférica e menorizada da antropologia, pelo menos durante grande parte do século XX, foi contribuindo decisivamente para experiências neste domínio. A dificuldade de aceitação que esta encontrou por parte da academia mais ortodoxa deveu-se, precisamente, à sua natureza híbrida e transfronteiriça, questionando cânones, modos de fazer e dizer. Alguns dos mais celebrados membros desta comunidade restrita sempre mantiveram esta identidade ambivalente.

As raízes positivistas das ciências sociais foram perpetuando, durante largo tempo, esta cisão entre objectividade (ciência) e subjectividade (arte) como algo de inquestionável. Neste contexto, a Arte apenas era admissível enquanto objecto de estudo, não enquanto veículo para experienciar ou descrever uma realidade cultural. A crise de representações despoletada pela célebre obra organizada por Clifford e Marcus (1986), nos idos anos 80 do século passado, abriu, no entanto, novas perspectivas para esta articulação entre arte e ciência. A etnografia que se produziu a partir daí caracterizou-se por um multiplicar de posturas epistemológicas que se traduziram, igualmente, num maior experimentalismo ao nível do trabalho de campo e das representações etnográficas. Todavia, as velhas clivagens foram-se mantendo, cristalizadas em torno de hábitos e esquemas mentais mais duradouros. A questão permanece, portanto, ainda largamente por explorar. Isto é tanto mais premente quanto verificamos que, actualmente, se têm vindo a multiplicar os programas de pesquisa e de formação em torno do uso da imagem em ciências sociais. A resistência parece ter cedido lugar a uma pulsão imagética e tecnológica que ameaça contagiar o processo científico (Campos, 2011). Que caminhos podemos percorrer de novo? Alguns parecem apontar para uma viragem da antropologia visual em direcção a uma antropologia mais sensorial (Pink, 2006), mais atenta à complexidade do corpo multissensorial<sup>1</sup>. A assunção da multissensorialidade é algo que devemos privilegiar em termos epistemológicos, reforçando a ideia de que o conhecimento não é uma mera construção racional e distanciada. Assumir a multissensorialidade é, igualmente, estar mais próximo da experiência estética, é assumir o corpo enquanto mediador de significados.

No campo das artes descobrimos diversos, alguns relativamente recentes, pontos de comunicação com a antropologia. Desde logo, o fascínio que a denominada arte etnográfica foi exercendo entre muitos dos mais eminentes artistas do século XX. A natureza exótica, primeva, singular e marginal de muitas das expressões estéticas produzidas pelas comunidades longínquas, alimentou a fantasia e a técnica de muitos criadores, bem como a cobiça de muitos colecionadores e galeristas. Mais recentemente, aquilo que merece destaque, é a relevância

---

1 Na verdade aquilo que muitas vezes denominamos de antropologia visual é, mais correctamente, de natureza audiovisual.

que o método etnográfico parece ter assumido entre muitos artistas e criadores. A etnografia enquanto forma de imersão e partilha, enquanto método de transformação e de vivência liminar, que permite quer a assimilação de novos pontos de vista, quer a experimentação de novos modelos e padrões estéticos. Todavia, também muitos antropólogos encontram na experiência estética e na submersão sensorial que os diferentes processos artísticos proporcionam, formas inovadoras e contra-hegemónicas de questionar os mecanismos de produção de conhecimento sobre o mundo que nos rodeia.

Estas são, à guisa de introdução dos *Cadernos de Arte e Antropologia*, algumas das interrogações e reflexões que nos têm animado ao longo deste percurso. Esperemos que estas possam merecer a atenção de diferentes académicos, cientistas sociais e artistas que, de alguma forma, tomem esta publicação como um fórum de discussão. Os contributos reunidos neste primeiro número correspondem, de certo modo, àquilo que são as grandes linhas editoriais desta publicação. Provêm de autores associados a distintas áreas disciplinares (antropologia, ciências da comunicação, arqueologia, cinema, pintura) sendo que, parte deles, partilham esta ambivalência identitária de que falámos anteriormente, navegando entre processos criativos de índole artística e científica. Por outro lado, os conteúdos apresentados variam no seu formato, indo dos artigos de natureza mais tradicional, até aos fotoensaios e vídeos etnográficos.

Jorge Gonçalves de Oliveira Júnior e Thiago Vaz falam, num artigo feito “a quatro mãos”, sobre uma figura mítica do imaginário brasileiro, o *Saci*. Num mosaico tecido por análise antropológica, “entrevistas ficcionais” e um levantamento fotográfico, culminando numa “etnopoiesia à guisa de conclusão”, conduzem o leitor para dentro de um terreno etnográfico complexo, numa espécie de narrativa multi-focal e multi-mídia. De seguida Maria Fátima Nunes reflete sobre “o olhar da antropologia” e a relação entre o olhar académico e o olhar das artes, num ensaio que se baseia numa pesquisa sobre a imigração chinesa em Portugal. Neste artigo partilhamos diferentes imagens do processo migratório, os do mundo “real”, do mundo do cinema de ficção e do documentário produzido pela autora. Catarina Laranjeiro e Catarina Vasconcelos, num artigo sobre “imagens, memórias e histórias” do tradicional bairro lisboeta da Mouraria, destacam o papel das imagens na criação de “localidade” e *comunitas*. As autoras revelam-nos a ligação íntima que se estabelece entre a história (e as histórias) dos moradores e do bairro e as fotografias que as acompanham. Por seu turno, Ariane Cole, académica e artista visual, traz-nos um artigo que visa descrever a produção de um documentário da sua autoria e de Artur Cole sobre o artista Evandro Carlos Jardim. Através do seu texto acompanhamos o processo de diálogo entre pesquisadores (e realizadores do documentário) e o pintor, desvelando a forma subtil como duas linguagens visuais (o vídeo e a pintura) se vão articulando e enredando na produção do documentário final. Carlos Etchevarne, por sua vez, aponta como os objectos arqueológicos, no contexto da luta indigenista, podem passar por um processo de resignificação, adquirindo um papel documental e simbólico. A escavação de urnas funerárias no nordeste brasileiro coordenada por este autor foi filmada pelos próprios índios Pataxó Hã-Hã-Hãe que habitam a área, considerada como terra tradicional por eles e disputada, por vezes de forma violenta, pelos fazendeiros da região.

Os fotoensaios de Ricardo Campos sobre graffiti e arte urbana em Lisboa e de Daniel Meirinho sobre o projecto *Olhares em foco* desenvolvido no Brasil, revelam bem o papel que a fotografia pode contrair em pesquisa social e na produção de conteúdos científicos. Partindo de premissas e métodos distintos, ambos demonstram que os imperativos epistemológicos não colidem com a criação estética, antes pelo contrário, podem abrir novos horizontes à reflexão

científica. Ricardo Campos toma as paredes da cidade de Lisboa como repositórios para formas de comunicação de natureza transgressiva, discorrendo sobre o potencial disruptivo e simbolicamente poluidor do graffiti. Por seu turno, Daniel Meirinho usa a fotografia como ferramenta de *empowerment* de jovens vivendo em situação de exclusão. Através da metodologia de *photovoice*, a fotografia torna-se o alvo de debate em torno de questões como a identidade pessoal e social, o mundo das crianças e jovens, as suas redes sociais, etc.

Christof Thurnherr, por último, analisa o papel do som na chamada antropologia “visual”, numa recensão de um *reader* recente que explora pistas, muitas vezes negligenciadas, de uma antropologia que procura ir “*beyond the visual*”. O autor alerta-nos para a importância das situações do “*viewing*” (“visionamento”) na avaliação do valor etnográfico do som no âmbito de “textos” etno-audiovisuais.

*Os editores*

## **REFERÊNCIAS**

- Banks, Marcus and Howard Morphy, eds. 1997. *Rethinking Visual Anthropology*, New Haven & London: Yale University Press.
- Campos, Ricardo. 2011. “Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social”, *Análise Social*, XLVI(199): 237-259.
- Clifford, James and George E. Marcus, eds. 1986. *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley e Los Angeles: University of California Press.
- Pink, Sarah. 2006. *The future of Visual Anthropology – Engaging the senses*, London and New York: Routledge.